

## APRESENTAÇÃO

REVISTAS CULTURAIS LATINO-AMERICANAS DOS SÉCULOS XX-XXI:  
TEORIA, CIRCULAÇÃO E SUPORTES

Regina Aída Crespo<sup>1</sup>  
Claudio Maíz<sup>2</sup>  
Claudia Lorena Fonseca<sup>3</sup>  
(orgs.)

Ao preparar a convocatória desta nova edição da revista *Caderno de Letras*, deparamo-nos com uma série de questões relevantes para o estudo das revistas culturais. Decidimos escolher como ponto de partida aquela que nos pareceu a pergunta fundamental nesse campo de estudos, uma vez que se impôs como uma constante entre os investigadores: O que pode dizer uma revista? Além disso, considerando as novas demandas que o atual contexto cultural, político e tecnológico nos impõe, poderíamos propor uma variante: O que uma revista *ainda* pode nos dizer? Em nossos projetos de pesquisa pessoais, no Brasil, Argentina e México, enfrentamos essa questão inicial e também a sua variante e, por isso, queríamos compartilhá-las. Muitos estudiosos responderam ao nosso convite. Recebemos artigos de colegas de várias latitudes latino-americanas, cada um deles preocupado em entender nosso objeto comum de estudo, escolhendo suas ferramentas de análise entre as várias opções disponíveis para tanto.

A partir da pergunta central - o que nos pode dizer uma revista? - propusemo-nos a analisar uma série de elementos associados à produção, à circulação e ao papel das revistas na América Latina. Nesse sentido, foi fundamental refletir sobre a importância e as características de sua materialidade, os vínculos entre as revistas e seu próprio presente e as relações entre a política e a cultura que implicam seus projetos e programas editoriais.

Com efeito, cada revista se distingue pela forma como se expressa materialmente através de suas decisões editoriais, as quais envolvem uma série de fatores como a definição de uma hierarquia para a distribuição dos conteúdos e o lugar dos colaboradores em suas páginas; a

<sup>1</sup> Doctora en Historia por la Universidad de São Paulo-USP. Investigadora titular del Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe (CIALC/UNAM). Coordinadora del Proyecto “De las revistas impresas a los blogs y portales digitales en América Latina (1960-2020)”. PAPIIT 403320, DGAPA/UNAM.

<sup>2</sup> Doctor en Literatura, Profesor Titular Literatura Hispanoamericana Contemporánea en la Universidad Nacional de Cuyo (UNCuyo) e Investigador del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de la República Argentina (CONICET).

<sup>3</sup> Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Pós-doutorado na Universidad Nacional de Cuyo-UNCuyo-Mendoza, Argentina. Professora Associada na Universidade Federal de Pelotas-UFPel, Programa de Pós-graduação em Letras.

criação, organização e manutenção de colunas pessoais; o tipo, o estilo e a distribuição das ilustrações. Além disso, o recurso às inovações gráficas ou a decisão de obedecer a uma forma mais rígida e econômica de apresentação dos conteúdos também são elementos importantes para a compreensão de uma revista e de seu projeto político cultural. O mesmo se aplica a aspectos como a qualidade do papel, o número de páginas, o tipo de publicidade e a frequência e constância em sua publicação. A análise dos projetos editoriais das revistas nos faz ultrapassar as fronteiras temporais que as aprisionam em seu próprio momento de circulação para escutar sua voz e o que elas continuam nos dizendo a partir do passado: suas decisões, suas certezas, mas também suas inconsistências e esquecimentos.

Em nossa convocatória, consideramos outras questões igualmente importantes: que função têm as revistas no campo cultural? Continuam tendo? Que mudanças esse campo sofreu e como essas mudanças afetaram a materialidade, as funções e o papel político e cultural das revistas? Como pensar acerca do papel das revistas na formação de redes intelectuais, sua gravitação política, as polêmicas que geraram, a importância das mulheres como autoras ou integrantes de corpos editoriais? Da mesma forma, para pensar acerca do que poderia representar o fim de um ciclo para as revistas culturais, não podemos perder de vista que é necessário fazer mais algumas perguntas. No século 21, em que as novas tecnologias de comunicação se tornaram hegemônicas, que horizontes se abrem para as publicações culturais? Cumprem ou não o papel político e social que as "velhas" revistas em papel desempenharam nos países do continente?

Ao nos enfrentarmos à procura do lugar e do papel político cultural das revistas e ao tratar de responder às várias questões que seu estudo nos suscita, poderemos perceber que, em última instância, as publicações periódicas são mais perguntas que respostas às demandas dos sucessivos presentes aos quais pertenceram. As revistas enquanto nós, unidades de análise de campos culturais, dispositivos materiais, artefatos semióticos ou construções não oferecem respostas contundentes nem definitivas. Portanto, quem acredita, por exemplo, que as revistas são as vias laterais ou secundárias em direção à grande avenida do livro comete um grave erro. É verdade que algumas foram pensadas dessa forma, mas o progresso no estudo das revistas permitiu dar densidade à sua compreensão. Como já dissemos, nós, unidades de análise, artefatos, dispositivos materiais são algumas das noções que se obtiveram da diversidade de abordagens e da interdisciplinaridade que as estudou. Podemos dizer que as revistas são um objeto disciplinar em construção, mas o simples fato de que falemos das revistas como objetos de estudo constitui um enorme avanço para o caráter ancilar em que estiveram imersas em outros momentos da história da crítica, especialmente a literária.

É verdade que se deu um passo acelerado na montagem de uma estrutura epistemológica que contribua a um melhor entendimento do papel que as revistas desempenharam na cultura latino-americana, mas também é verdade que essa estrutura epistemológica se especializou nas revistas culturais do século XX e boa parte do século XIX (TARCUS, 2020). Atualmente, estamos imersos em um novo ciclo de múltiplas consequências para a cultura impressa. A revolução digital propiciou, por um lado, uma extrema liberdade para o desenvolvimento de novos conteúdos, mas, por outro, encontrou também seu contraponto nas revistas eletrônicas acadêmicas. As novas publicações digitais aproveitam a rede para se expressarem em diversos formatos (páginas web, blogs, etc.) sem quaisquer restrições. As acadêmicas, ao contrário, ajustam-se a parâmetros e medidas internacionais que garantem sua existência em um mercado supersaturado. Entre esses extremos, as revistas culturais tal e como passaram a ser conhecidas no século 20, sofrem uma redução alarmante no número de leitores que as reivindicam. Pelo que foi dito, a hipótese de que a revista cultural dependente do fator

tipográfico é um gênero da cultura impressa que desapareceu não é impropriedade, mas pertinente.

Contudo, o alcance dessas cruciais mudanças culturais que estamos vivenciando também trouxe efeitos paradoxais: hoje, como nunca antes, a investigação da cultura impressa conta com os materiais de estudo à distância de um clique. Os repositórios digitais das revistas culturais do século 20 têm sido um fenômeno vertiginoso nos últimos anos. Com apoios institucionais na maioria dos casos, a digitalização de materiais impressos acelera nosso conhecimento e a constatação da imensa produção de revistas culturais que fizeram da América Latina “um continente de revistas” (TARCUS, 2020). Com esses recursos à mão, não há muitas desculpas para não avançar em uma tentativa de teorização sobre as revistas, bem como no refinamento dos instrumentos metodológicos. É conhecida a reflexão inicial de Rafael Osuna (1998) sobre as revistas literárias, hoje um dos principais pontos de partida para um avanço nos saberes teórico-metodológico acerca do tema. Osuna propôs a revista como um gênero discursivo afetado por três dimensões relacionadas com o tempo: sua própria história, uma historiografia e a historicidade. Recuperava em seu trabalho a polifonia, a textualidade, a funcionalidade e a sociologia das revistas. Um conceito que cunhou e pode servir de guia para a leitura das publicações (e desta edição) é o de “unidades de significação” constituídas tanto pela materialidade quanto por uma semântica da publicação.

Além de Osuna, muitos estudiosos se dedicaram ao tema de forma sistemática nas últimas décadas, e sua produção tem sido importante para aprofundar o estudo das revistas literárias e político-culturais latino-americanas. As contribuições abarcam artigos fundamentais como “Intelectuais e revistas: motivos de uma prática”, de Beatriz Sarlo, (1992), sobre a análise das revistas como objetos de conhecimento histórico e cultural, texto que se tornou ponto de referência obrigatória para todos os estudiosos. Vários estudos de caso e análises comparativas entre periódicos de vários países já estão disponíveis para os leitores. Antologias têm sido publicadas com um amplo espectro temporal e temático. Entre elas se encontram seleções já consagradas como as de Sosnowski (1999) e a de Schwartz e Patiño (2004), ao lado de antologias mais recentes. Algumas possuem uma perspectiva temática mais circunscrita, como as de Crespo (2010); Rocca (2012); Ehrlicher e Riñler-Pipka (2014); e Corral, Stanton e Valender (2018), outras são mais generalistas, como as de Delgado, Rogers e Mailhe (2014); Delgado e Rogers (2016); Elizalde (2010, 2014) e Tarcus (2020). Muitos periódicos acadêmicos publicaram dossiês ou números temáticos sobre revistas (CRESPO, 2020; BAYLE, BOUERI e FAIERMAN, 2020; ZAMORANO e ROGERS, 2018) ou sobre revistas em sua relação com as redes intelectuais (GRANADOS, 2012, MAÍZ e ZÓ, 2020 e GRILLO, 2020). Publicações como as mencionadas reforçam e confirmam a importância do tema para os campos dos estudos da cultura, a história e a literatura.

Para a presente edição da revista *Caderno de Letras* recebemos artigos com diferentes perspectivas. Como os leitores poderão observar, alguns deles estabelecem um diálogo temático ou metodológico implícito. O predomínio de estudos provenientes do universo hispânico, com uma significativa presença de pesquisadores argentinos, é um dado relevante e merece uma análise especial. A Argentina e o Uruguai têm dedicado atenção especial ao estabelecimento de repositórios digitais de livre acesso para suas revistas, ação na qual infelizmente não foram acompanhados por muitos países da região. O Brasil avança nesse sentido, com a Biblioteca Nacional Digital, que vem desenvolvendo um intenso trabalho de digitalização dos acervos de revistas nacionais com livre acesso aos pesquisadores, o México não tem investido muitos recursos nessa linha. O México também tem investido na mesma direção, com a Hemeroteca Nacional Digital, onde se pode pesquisar sobre várias coleções. De qualquer maneira, podemos

afirmar que, na maioria dos países latino-americanos, a digitalização das coleções e sua divulgação na *web* têm dependido muitas vezes de iniciativas institucionais isoladas e da boa vontade dos pesquisadores.

Outro fato importante que se nota nos artigos publicados nesta edição é que o ânimo que move seus autores não se restringe a temas e problemas nacionais, ainda que os contemple. Existe entre eles um interesse compartilhado pelas revistas da região. Tal interesse, como veremos, se materializa em artigos de brasileiros sobre revistas do México, Cuba ou Uruguai, de argentinos sobre revistas do Brasil, de chilenos sobre revistas da Argentina e de mexicanos sobre revistas do Caribe e da América Central.

Decidimos agrupar os artigos selecionados para esta edição em blocos temáticos indicativos, procurando respeitar, na medida do possível, a uma certa cronologia no que se refere às datas de surgimento e circulação das revistas analisadas. Traçamos algumas linhas de orientação com base nas perguntas que lançamos na convocatória. Nesse sentido, os leitores encontrarão trabalhos que refletem sobre as revistas em um sentido mais teórico e metodológico; estudos especificamente voltados às revistas como veículos de difusão de determinadas vertentes, movimentos ou projetos culturais e políticos; análise de revistas que foram marcadamente definidas pelos contextos históricos de crise e transformação em que circularam; trabalhos relacionados à formação de redes intelectuais estimuladas por ou em torno de determinadas revistas; investigações comparativas entre revistas tematicamente similares, publicadas em países distintos e, por fim, reflexões sobre questões de gênero literário e suportes de criação e circulação.

Não podemos deixar de comentar que nos surpreendeu a presença pouco significativa de trabalhos sobre publicações digitais. Nenhum dos artigos aqui reunidos procurou investigar, como tínhamos proposto, se essas novas publicações recuperariam ou não a tradição do editorialismo militante das revistas do passado (tanto das revistas de vanguarda dos anos 1920, como, principalmente, das revistas político-culturais de resistência dos anos 1960 e 1970). Por outro lado, como podemos perceber, os novos debates, os novos referenciais teórico-epistemológicos que norteiam as pesquisas atuais serviram como poderosas ferramentas para a análise dos periódicos que todos os colaboradores desta edição escolheram como seu objeto. Em suma, os artigos aqui reunidos mostram-nos o que as revistas nos dizem e confirmam que continuam a nos dizer muito.

Os artigos que abrem o primeiro bloco deste número giram em torno a dois temas relacionados ao estudo das revistas, que têm sido pouco explorados até o momento. Em *Hacia una categorización de las revistas culturales: los referentes en las citas*, Alexandra Pita-González reflete sobre a maneira como diferentes disciplinas têm estudado as citações nas publicações periódicas (bibliometria, semiótica, literatura e história) e estabelece uma importante diferença entre a citação "como uma ação realizada por um autor para fazer referência a um trabalho do qual extrai uma ideia ou um dado [e] a do referente como sujeito, incorporado em uma revista de maneira indireta para fins de legitimação<sup>4</sup>". Pita-González propõe a análise dessas referências como parte da rede intelectual que anima uma revista cultural. Mais do que conclusões sobre o assunto, abre um caminho para novas perguntas, a fim de "seguir pensando o dilema que implica a prática da citação como uma via para adentrar-se nas estratégias, sentidos e vínculos de quem enuncia e da publicação. que consente em publicá-las". Claudio Maíz, por sua vez, em

---

<sup>4</sup> Para manter a fluência do texto, traduzimos as citações do espanhol ao português.

*Sentimiento de marginalidad y proyectos editoriales en las culturas de regiones* explora a produção editorial em espaços distantes dos grandes centros culturais. O autor denomina "sentimento de marginalidade" ao que experimentam aqueles que se dedicam a publicar revistas longe dos centros de maior relevância e prestígio. O autor lança mão das teorias sociológicas da marginalidade para observar como essa emoção inquietante invade o discurso daqueles que se sentem suas vítimas e faz notar que essa experiência da lacuna interposta entre um lugar e outro se torna perceptível a partir de um ponto zero ou "Meridiano de Greenwich", nas palavras de Pascale Casanova, de onde se pode medir a suposta "marginalidade". Maíz estuda especificamente o caso da revista *Tarja* (1955-1960), da província argentina de Jujuy, frente ao meridiano imaginário que constituía então a cidade de Buenos Aires.

O próximo bloco de textos segue uma cronologia inversa: começa com uma revista publicada entre 1976 e 1992, em duas etapas distintas, organizada em torno de um nome: Raúl Alfonsín, continua com uma revista que circulou entre 1967 e 1975, com um núcleo editor concentrado em uma proposta político-editorial específica, e termina nos anos 1930 e 1940, com um conjunto de revistas reunidas em torno de um tema comum. Pablo Ponza abre o bloco com o artigo *Revista Propuesta y control: 1976-1978/1990-1992. Alfonsín: ideas políticas antes y después de su presidencia*. *Propuesta y control* foi uma revista pouco conhecida, mas não por isso menos importante no contexto político e cultural em que circulava. Foi dirigida por Raúl Alfonsín em dois períodos distintos (1976-1978 e 1990-1992) e serviu como plataforma de reflexão política, teórica e crítica do político argentino, antes e depois de ocupar a presidência do país. A hipótese de Ponza é que a revista "sustentou uma implacável crítica ao autoritarismo acompanhada de uma ressignificação conceitual da ideia de democracia associada à sua tradição partidária, cuja inovação central foi a defesa dos Direitos Humanos como paradigma estratégico de convivência". Bárbara Díaz Kayel e Mariana Moraes Medina, em *Intelectuales y lecturas de la izquierda católica latinoamericana en las páginas de la revista Víspera*, analisam essa revista em seu projeto de reunir "um conjunto de intelectuais católicos de esquerda em torno de um projeto que buscou intervir no debate teológico e político latino-americano". O trabalho se detém com especial atenção na seção Leituras, que as autoras definem como uma ferramenta de mediação e intervenção cultural, e numa seleção de resenhas bibliográficas que comprovam "o compromisso da publicação com o desenvolvimento de uma filosofia e teologia locais e com o debate sobre os caminhos para a libertação e integração latino-americanas". Por fim, o artigo "Una avalancha de obras dedicadas al sexo". *Revistas de las izquierdas argentinas en la primera mitad del siglo XX*, de Laura Fernández Cordero, é uma contribuição ao conhecimento de como revistas produzidas pelas esquerdas configuraram espaços "fundamentais na circulação de saberes sobre o sexual fora do campo especializado e como suporte dos debates em torno da chamada questão sexual em âmbito local e em seus desdobramentos latino-americanos". Fernández oferece aos leitores uma leitura das revistas argentinas *Nervio* (1931-36), *Metrópolis* (1931-32), *Cultura Sexual y Física* (1937-1941) e *Hombre de América* (1940-1944). Podemos dizer que algo que identifica todas essas revistas, hoje pouco conhecidas, é a aposta que fizeram na divulgação de sua plataforma ideológica e de um projeto político-social de longo alcance que lhes desse visibilidade junto a seu público e o tornasse partidário de sua ação.

As publicações periódicas, em sua relação com as questões feministas, dão unidade ao bloco seguinte, que conta com dois trabalhos: o de Sofia Mercader e o de Mariana Link e Claudia Lorena Fonseca. Em *El "nuevo feminismo" en México y Argentina a fines de siglo XX: un análisis comparativo de las revistas fem y Feminaria (1976-2007)*, Mercader se dedica à análise de duas revistas: a mexicana *fem* (1976-2005) e a argentina *Feminaria* (1988-2007), que circularam nos anos 1970 e 1980, respectivamente, por um período de tempo considerável. Ao centrar-se

no estudo do contexto histórico do seu surgimento, em sua relação tanto com as influências teóricas que se podem detectar nelas, como em suas estratégias de inserção pública, a autora procura demonstrar que “embora estas publicações periódicas possam ser pensadas como parte de um mesmo movimento, o 'novo feminismo', suas estratégias de inserção, seus temas e suas abordagens variaram consideravelmente, sustentando assim a ideia de que não é possível falar de um, mas de vários feminismos na América Latina”. Já no artigo de Link Martins e Fonseca, *Mulheres intelectuais em revistas culturais: a respeito do Almanaque - cadernos de literatura e ensaio*, o foco está na presença feminina nas redações dos periódicos e grupos de intelectuais. Mais especificamente, o estudo centra-se em *Almanaque - Cadernos de Literatura e Ensaio*, com especial atenção ao seu décimo número: “Mulher Objeto... de Estudo”, publicado em 1979. As autoras destacam a relevância dessa revista em seu contexto, no sentido de não apenas propiciar a discussão em torno de questões relacionadas às mulheres, mas também de abrir espaço para a ação e colaboração feminina em sua redação e em suas páginas.

As questões relacionadas ao universo intelectual, considerando-se o contexto dos grupos vinculados às publicações periódicas e sua atividade, seguem em destaque no bloco seguinte de artigos, que abre com o estudo de Antonia Viu, *En América. Revista mensual de los intelectuales europeos (Buenos Aires 1942-1944): el exordio como práctica editorial*. Nele, a autora trata da relação entre o material publicado por *En América* - que se define como uma revista mensal de seleções da imprensa mundial, e um tipo de comentário que Viu analisa como exórdios, considerados como “práticas editoriais que permitem identificar formas de circulação de escritos, revistas e autores, alianças e trajetórias, mas que sobretudo procuram contextualizar a leitura do recorte, exaltando emoções, estabelecendo as condições do debate no qual os diferentes artigos devem ser compreendidos e as posturas em jogo dentro de cada discussão”. Segundo a autora, com esse posicionamento, o que se postula é que a forma como se relacionam e se costumam esses recortes e fragmentos “vai urdindo uma trama desde a qual a voz editorial *sustenta*, a partir de retalhos, um mundo que se considera desequilibrado em termos geopolíticos”. Já em *Revista Nuestra España: a constituição de uma rede intelectual antifranquista no exílio cubano*, Marcos Gonçalves se dedica à análise daquela que foi a primeira revista publicada por intelectuais espanhóis no exílio cubano, no pós-guerra civil: a revista *Nuestra España*, cujo primeiro número apareceu em 1939, em Havana. O estudo de Gonçalves centra-se em duas ideias fundamentais: as redes intelectuais no exílio, consideradas como um “conceito operativo que define a troca discursiva e tensional entre textos coletivos, ou como conjunto de relações entre escrituras”, e uma narrativa inaugural do antifranquismo, produzida desde o exílio a partir de tais redes. Nesse sentido, estabelece um diálogo com o estudo de Federico Gerhardt, *La revista Saber Vivir (Buenos Aires, 1940-1956) y la prensa de la emigración catalana en la Argentina: entre el consumo y la difusión culturales*, no qual o autor desenvolve uma análise das relações entre a revista *Saber Vivir*, publicada em Buenos Aires, entre 1940 e 1956, e *Catalunya* e *Ressorgiment*, revistas da imigração catalã, na Argentina desse período. Gerhardt pretende analisar as coincidências, considerando-se os grupos envolvidos em sua produção, as referências cruzadas entre essas revistas, bem como os vínculos com outros projetos editoriais desses mesmos agentes do campo cultural. Isso permite que se observem “certas formas específicas em que se resolveram as tensões entre um e outro circuito, durante um período em que coincidem a intensificação das atividades culturais das entidades associativas de âmbito catalão e o auge da indústria editorial argentina”.

Os três artigos seguintes analisam as revistas como plataformas para o exercício da polêmica e da defesa de ideários políticos. José Antonio Ferreira da Silva Júnior examina uma polêmica que se desenvolveu nas páginas da revista mexicana *Nexos* entre o ex-presidente Carlos Salinas e o então futuro ministro de relações exteriores Jorge Castañeda. Em *Intelectuais em cena*:

uma polêmica sobre o México neoliberal na revista *Nexos* (1999), o autor explora “a revista cultural como forma de ação política ao configurar e mobilizar distintas práticas intelectuais”. Ferreira Júnior observa como, no debate que sustentaram, os autores trouxeram seus pontos de vista, “em uma conjuntura específica do processo de modernização e globalização levado a cabo no México desde os anos 1980” e nos termos da discussão política que se dava naquele momento. Em *A fundação do MERCOSUL e os arquivos da “tradição seletiva” da terceira época dos Cuadernos de Marcha (1991-1994)*, Cristiano Pinheiro de Paula Couto analisa o universo discursivo que se produziu sobre o MERCOSUL nessa publicação político-cultural editada no Uruguai de 1985 a 2001. O autor examina o período de 1999-1994, quando os governos do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai firmaram os acordos para a criação e posterior formalização do MERCOSUL. Em seu trabalho, Couto analisa “como certos tópicos do ensaísmo uruguaio e latino-americano repercutiram na ‘prosa de ideias’ nas páginas de *Cadernos de Marcha* [...] no contexto de saturação da Guerra Fria, do colapso da União Soviética e da emergência das escatologias liberais [...] e como esse sistema conceitual informou a produção crítica dos *Cadernos* sobre o surgimento do MERCOSUL e suas consequências para o Uruguai e a América Latina. Por fim, em *Opinião* (1972-1977) e os limites da Frente Ampla, Jeferson Candido recupera a trajetória do semanário *Opinião* em sua oposição à ditadura cívico-militar que se instalou no Brasil com o golpe de 1964. Candido analisa como esse bastião da resistência à ditadura não pode sobreviver às “diferenças entre os diversos grupos de distintos matizes políticos - até então postos em segundo plano frente a luta comum”. *Opinião* foi atingido de maneira fatal, justamente quando teve início a abertura do regime, em 1974, no governo Geisel.

Os anos de 1960 e 1970, além de estarem associados aos processos ditatoriais que se espalharam pelo sul do continente latino-americano, também estão relacionados a um forte experimentalismo artístico, estético e cultural. Os artigos que compõem este bloco analisam três revistas paradigmáticas, do Brasil, da Argentina e do México, nesse período ao mesmo tempo opressor, intenso e exuberante. Regina Crespo e Valentina Quaresma, em seu artigo *América Latina en O Pasquim: política, entrevistas y Crónicas de Nuestra América (1969-1979)*, analisam as estratégias desse semanário brasileiro para fazer oposição à ditadura e contornar sua forte censura, por meio da irreverência e do humor. Além disso, observam o lugar que a América Latina ocupou no projeto *O Pasquim* durante o período analisado. Demonstaram que a revista rompeu com a imagem insular associada aos brasileiros, ao criar uma rede de sociabilidade aberta a intelectuais, artistas e jornalistas do continente. Abriu espaço para artigos sobre temas e problemas da região e garantiu um lugar especial para as crônicas políticas e literárias sobre temas latino-americanos, como atestam as contribuições de Augusto Boal e suas *Crônicas de Nuestra América*. Em *Itinerarios discursivos en la revista argentina Eco contemporáneo (1961-1969)*, Marcela Raggio estuda os treze números dessa revista e observa, com o recurso a Marc Angenot e seu método de análise do discurso social, os giros que *Eco* foi tomando em suas notas editoriais e conteúdos, “adequando-se às mutações da contracultura dos anos 1960”. Raggio analisa a revista no contexto do discurso social da década de 1960 de forma sincrônica e diacrônica, com o apoio das categorias culturais, sociais, ideológicas e políticas propostas por Oscar Terán, em seu estudo sobre o período. Isto lhe permitiu concluir que “as regularidades do discurso nos treze números da revista são a crítica ao sistema, a aposta por um mundo mais justo e a solidariedade”, com um claro avanço das notas políticas sobre a poesia e outras artes. A revista *El corno emplumado (1962-1969)*, un latido a la mitad del mundo é o último artigo desse bloco. Grethel Domenech Hernández analisa essa revista, tendo em conta “o lugar da poesia como centro da publicação e elemento articulador de sua proposta editorial e a recepção que teve a revista entre seus leitores intelectuais e o público em geral”. Segundo Domenech, a proposta

discursiva do *Corno* se inseriu em um contexto de redes intelectuais e militância política dos anos sessenta latino-americanos. Esse tema é de particular interesse, se levarmos em conta que o diálogo entre revistas com um perfil similar se ilustra precisamente com os convênios firmados entre *El Corno* e *Eco Contemporáneo*, detectados por Marcela Raggio em seu artigo para a presente edição. As revistas dialogam e seus estudiosos também.

Este bloco reúne artigos que se dedicam a estudar o poder das revistas como lugares de enunciação. Essa questão pode ser analisada em relação com a construção de redes intelectuais tanto nacionais como internacionais, com o registro e legitimação de grupos e movimentos no universo literário e cultural e com as possibilidades de transcender as limitações geopolíticas. No único estudo dedicado a uma revista caribenha, *Tropiques, la revista antropófaga del Caribe*, Tania Sairi Gómez Hernández observa o importante papel que uma revista cultural pode cumprir para questionar a ordem político-social. A luta da revista *Tropiques* contra o regime colonial da Martinica ocorreu em termos estéticos, literários e políticos. E contou com o apoio de uma rede de intelectuais estrangeiros para a sua difusão. Marcela Croce, por sua vez, investiga a revista brasileira *Verde*. Seu artigo *Verde: redes sudamericanas en un rincón de Minas* recupera o tema do papel cultural e da possível transcendência das revistas de província. *Verde*, publicada na pequena cidade de Cataguases, em Minas Gerais, entre 1927 e 1929, soube aproximar-se do modernismo paulista e atraiu colaboradores da estirpe de Mário de Andrade. Da mesma forma, Croce descobriu que “a publicação tramou uma rede intelectual que lhe permitiu conectar-se com empreendimentos homólogos do Cone Sul e atrair colaboradores da Argentina e do Uruguai. Em seu artigo, a autora indaga “os alcances dos contatos que sustentam a revista *Verde* e o impacto do arquivo que se organiza em torno dela para o estudo das publicações periódicas na cultura brasileira”. *El 40, historia de una generación antivanguardista*, de Luciana Del Gizzo, fala de uma revista que funcionou “como o órgão definitivo, ou a última tentativa, da historicização” de um movimento literário. Segundo a autora, “os poetas que historiaram a si mesmos seria uma boa definição para a chamada Geração dos 40”, grupo de poetas que pretendeu “prolongar os martinfierristas por meio de uma poesia solene, eloquente, grave, e formal” e, para isso, recorreu aos seis números do *El 40. Revista Literaria de una Generación*, publicados entre 1951 e 1953. Neste artigo, Del Gizzo analisa as tensões entre os conceitos de geração e vanguarda que permeiam a publicação, para compreender as figurações do poético e o estado de situação do âmbito da poesia a meados do século XX na Argentina. Conclui o bloco o trabalho de María Gabriela Micheletti, “*El bullir de tantas colmenas*”. *David Peña y su proyecto “federal” para la revista Atlántida (1911-1914)*, no qual a autora indaga em que medida *Atlántida* “conseguiu se converter em um meio para a difusão das produções culturais locais e para a vinculação entre autores provincianos, e quais foram os limites desse projeto de federalização cultural”. Em seu projeto cultural, David Peña, procurou selecionar os episódios do passado para desenvolver uma perspectiva historiográfica atenta à relação nação/províncias; refletir situações políticas e socioeconômicas das províncias e estimular a participação de autores do interior em sua revista. Segundo Micheletti, *Atlántida* não pode “tornar-se um foco de integração e irradiação cultural de e para as províncias, permanecendo em parte truncado o objetivo inicial de seu diretor”.

O último bloco de artigos, que encerra esta edição, dá conta de questões e publicações contemporâneas. Em *Transformación genérica da crônica periodística en su paso das publicaciones impresas a los medios digitales en América Latina*, Gerardo Juárez Vázquez se debruça sobre a crônica “dentro da tradição jornalística na América Latina, da sua estabilização como gênero à sua transformação, provocada pelas novas tecnologias de comunicação”. Interessa ao autor questionar as condições de produção da crônica e como tais condições afetaram sua escrita, sua produção e circulação no contexto atual. Juárez também se preocupa em analisar as

possibilidades de criação que se abrem a partir da configuração midiática. Já em *Orsai: una comunidad literaria en la era digital*, Cristina Patricia Sosa explora as relações de produção e circulação pouco convencionais, -considerando-se o nosso conhecimento acerca das publicações periódicas digitais, em torno da revista *Orsai*, publicação argentina que circulou entre os anos de 2011 e 2013 em sua primeira etapa, ressurgiu em 2017 e continua circulando. A autora ressalta os vínculos transcendentais entre a comunidade constituída pelos leitores de *Orsai* e a coordenação da revista, vínculos que se baseiam numa proximidade afetiva gerada e promovida por seu responsável principal, o escritor Hernán Casciari. Sosa pretende indagar tanto “as particularidades desse vínculo como o modo em que as condições de um contexto digital deixam rastros na publicação”. É também objetivo da autora analisar o conteúdo da revista para chegar à sua concepção de literatura.

Como poderão constatar as leitoras e leitores, essa multiplicidade de olhares às revistas que compartilhamos com vocês abre linhas de diálogo e indica muitos caminhos estimulantes de pesquisa. Desejamos a todos uma boa leitura.

### Referencias bibliográficas

BAYLE, M.; BOUERI, A.; FAIERMAN, F. Dossier: Cultura y política en revistas y publicaciones periódicas de América Latina. Cuadernos del CEL, v. II, n. 4, 2017.

CORRAL, R.; STANTON, A.; VALENDER, J. (eds) *Laboratorios de lo nuevo. Revistas literarias y culturales de México, España y el Río de la Plata en la década de 1920*. México: El Colegio de México, 2018.

CRESPO, R. *Revistas en América latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. México D.F.: UNAM, 2010.

CRESPO, R. Dossier: Revistas en América Latina: redes, política y cultura. *Revista Historia de América*. Número 158, Nueva época. México, enero-junio 2020

DELGADO, V.; ROGERS, G. (eds). *Tiempos de papel: publicaciones periódicas argentinas (siglos XIX-XX)*. La Plata: FaHCE, 2016.

DELGADO, V.; MAILHE, A.; ROGERS, G. (coords). *Tramas impresas-Publicaciones periódicas argentinas XIX-XX*. La Plata: FaHCE/Edulp, 2014.

EHRLICHER, H.; RIßLER-PIPKA, N. (eds.). *Almacenes de un tiempo en fuga: Revistas culturales en la modernidad hispánica*. Augsburg: Universität Augsburg, Institut für Spanien-, Portugal-, Lateinamerikastudien, 2014.

ELIZALDE, L. (coord.) *Revistas culturales latinoamericanas 1920-1960*. México, D.F.: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes; Cuernavaca: Universidad Autónoma del Estado Morelos; México, D.F.: Universidad Iberoamericana, 2008.

ELIZALDE, L. (coord.) *Revistas culturales latinoamericanas 1960-2008*. Cuernavaca, Morelos, México: Universidad Autónoma del Estado de Morelos: Juan Pablos Editor, 2010.

GRANADOS, A. (coord.). *Las revistas en la historia intelectual de América Latina: redes, política, sociedad y cultura*. Juan Pablos Editor, UAM Cuajimalpa, 2012.

- MAIZ, C.; Zó, R. Dossier: Episodios de la historia literaria de América Latina a partir de redes intelectuales y archivos. *Palimpsesto*, v.10, n. 17, 2020.
- OSUNA, R. *Tiempo, materia y texto. Una reflexión sobre la revista literaria*. Kassel: Edition Reichenbergr, 1998.
- GRILLO, M. C. Dossier: Redes e impresos en América Latina, siglos XIX y XX. *Revista Historia de América*. Número 159, Nueva época. México, julio-diciembre 2020.
- ROCCA, P. (ed.). *Revistas culturales del Río de la Plata. Diálogos y tensiones (1945-1960)*. Montevideo: Universidad de la República, 2012.
- SARLO, B. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. In: *América: Cahiers du CRICCAL*, n°9-10, 1992, pp. 9-16. *Le discours culturel dans les revues latino-américaines, 1940-1970*.
- SCHWARTZ, R.; PATIÑO, R. Revistas literarias/culturales latinoamericanas del siglo XX. *Revista Iberoamericana*, vol. 70, núm. 208-209, jul.-dic., 2004.
- SOSNOWSKI, S. (ed). *La cultura de un siglo. América latina en sus revistas*. Madrid: Buenos Aires, Alianza Editorial, 1999.
- TARCUS, H. *Las revistas culturales. Giro material, tramas intelectuales y redes revisteriles*. Temperley: Tren en movimiento, 2020.
- ZAMORANO, C.; ROGERS, G. Dossier Publicaciones periódicas y redes culturales en América Latina. *Catedral Tomada*, v. 6, n. 11, 2018.